

Mais de 623 mil pessoas foram assassinadas no Brasil entre 2009 e 2019, aponta Atlas da Violência

Outro dado que chamou a atenção foi o aumento de 35% das mortes violentas por causa indeterminada entre 2018 e 2019, o que pode se refletir em uma subnotificação dos 45.503 homicídios registrados no país no período

ERBS JR./FRAME PHOTO/FOLHAPRESS



Entre 2009 e 2019, 439.160 pessoas foram assassinadas por arma de fogo, o que corresponde a 70% de todos os homicídios do período

Entre os anos de 2009 e 2019, 623.439 pessoas foram vítimas de homicídio no Brasil. Adolescentes e jovens correspondem a 333.330 vítimas, ou 53% desse total. Os dados constam da edição 2021 do *Atlas da Violência*, publicação elaborada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN). Os números apresentados pela publicação foram obtidos principalmente a partir da análise dos dados do Sistema de Informações sobre a Mortalidade (SIM) e do Sistema de Informações de Agravos de Notificação (Sinan) do Ministério da Saúde, num período anterior à pandemia de Covid-19. A publicação completa do *Atlas da Violência 2021* pode ser acessada [aqui](#).

Outro dado que chamou a atenção foi o aumento de 35% das mortes violentas por causa indeterminada entre 2018 e 2019, o que pode se refletir em uma subnotificação dos 45.503 homicídios registrados no país no período. A categoria estatística MVC1 é utilizada para os casos em que não é possível estabelecer a causa básica do óbito, ou a motivação que o gerou. “O crescimento brusco desse índice nos últimos anos, como nunca antes observado na série histórica, acarreta sérios problemas de qualidade e confiabilidade das informações prestadas pelo sistema de saúde, levando a análises distorcidas, na medida em que gera subnotificação de homicídios”, aponta o presidente do Instituto Jones dos Santos Neves, Daniel Cerqueira.

Em média 73% dos casos de mortes por causa indeterminada referem-se a homicídios, o que por si só já elevaria o número de mortes no país em 2019. Depois de cair por um período de mais de 15 anos, tendo alcançado 6% em 2014, essa proporção voltou a subir, atingindo 11,7% em 2019.

Perfis com séries históricas

Nesta edição do *Atlas da Violência* foi dada continuidade às séries históricas que acompanham os índices de violência contra pessoas negras, mulheres, população LGBTQI e a juventude.

A desigualdade racial se reflete nos indicadores sociais da violência ao longo do tempo e não dá sinais de melhora, mesmo quando os números gerais apresentam queda. Em 2019, os negros (soma de pretos e pardos na classificação do IBGE) representaram 77% das vítimas de homicídios, com uma taxa de 29,2 por 100 mil habitantes. Entre os não negros (soma dos amarelos, brancos e indígenas), a taxa foi de 11,2 para cada 100 mil, o que significa que o risco de um negro ser assassinado é 2,6 vezes superior ao de uma pessoa não negra.

Na análise dos dados da última década, vemos que a redução dos homicídios ocorrida no país esteve muito mais concentrada entre a população não negra do que entre a negra. Entre 2009 e 2019, o número de negros vítimas de homicídio cresceu 1,6%, passando de 33.929 vítimas em 2009 para 34.466 em 2019. Já as vítimas não negras passaram de 15.249 em 2009 para 10.217 em 2019, redução de 33%.

Em relação aos homicídios femininos, o *Atlas da Violência* mostra que 50.056 mulheres foram assassinadas entre 2009 e 2019. Neste período, o total de mulheres negras mortas cresceu 2%, ao passo que o número de mulheres não negras mortas caiu 26,9%. A publicação chama ainda atenção para uma mudança na distribuição dos homicídios femininos: enquanto a taxa de homicídios de mulheres dentro das residências cresceu 6,1%, a taxa de mulheres mortas fora das residências caiu 28,1%, o que indica o incremento da violência doméstica contra as mulheres.

Quanto à violência sofrida pela população LGBTQI, o *Atlas da Violência* já havia apontado no ano passado para a necessidade urgente de produção e publicização de dados e indicadores a respeito. A urgência não diminuiu, uma vez que o recenseamento que seria realizado este ano não traria perguntas relativas à identidade de gênero e orientação sexual. Paralelamente, não se identificaram iniciativas para melhorar a qualidade e a especificidade dos dados produzidos pelas pastas da Saúde e dos Direitos Humanos, ou de se começar a produzi-los no caso da Segurança Pública. O *Atlas da Violência 2021* aprofunda a análise e a precariedade dos dados disponíveis.

Os números de notificações de violências registrados pelo Sinan entre 2018 e 2019, na variável orientação sexual, contra homossexuais e bissexuais, apresentam um crescimento de 9,8%, passando de 4.855 registros em 2018 para 5.330 no ano seguinte. Os números de violência contra pessoas trans e travestis também cresceram, passando de 3.758 notificações para 3.967 episódios em 2019, aumento de 5,6% dos casos de violência física.

Juventude

No período de 11 anos, 333.330 jovens foram assassinados no país, representando 53% de todas as vítimas de homicídio do período. O dado reforça o contexto já bastante conhecido de que a mortalidade violenta é a principal causa de óbitos entre jovens no país, escancarando uma das piores facetas do fenômeno da violência urbana no contexto brasileiro.

Armas de fogo

Entre 2009 e 2019, 439.160 pessoas foram assassinadas por arma de fogo, o que corresponde a 70% de todos os homicídios do período. Os números são escandalosos e remetem a contextos de guerra: desde 2009, todos os dias 109 pessoas foram assassinadas a tiros no Brasil.

Em 2019, o Brasil registrou 14,7 assassinatos por armas de fogo por 100 mil habitantes, com taxas de 16 estados acima da média nacional. Em 2009, do total de homicídios que aconteceram no país, 71,2% foram praticados com o emprego de armas de fogo. Em 2019, esse percentual caiu para 67,7%. Já em 2019, 11 UFs apresentaram percentuais de assassinatos cometidos com uso de armas de fogo acima da média nacional.

Novidades do Atlas 2021

Neste ano, o *Atlas* também traz novas seções com dados sobre violência contra indígenas e contra pessoas com deficiência (PCDs), as quais serão detalhadas nas próximas edições do *Fonte Segura*.

No caso dos indígenas, a taxa de homicídios ao longo da década cresceu 21,6%, ao contrário do que ocorreu com a população brasileira. Nos últimos 11 anos, 2.074 indígenas foram assassinados no país

Em relação à violência contra pessoas com deficiência, foram identificadas 7.613 notificações no Sinan contra esse grupo populacional. São mais frequentes casos na faixa etária de 10 a 19 anos e entre as mulheres.

